

GeoDebate entrevista Elias Jabbour sobre o seu novo livro “China: o socialismo do século XXI[1]”

por Natacha Rena*



***Natacha Rena** é Arquiteta. Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade de São Paulo – PUC-SP. Professora da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. E-mail: natacharena@gmail.com.

Elias Jabbour é professor dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Econômicas (PPGCE) e em Relações Internacionais (PPGRI) da UERJ. E-mail: eliasjabbour@terra.com.br



Data da transmissão: 02/12/2021

Data da transcrição: 22/12/2021

Duração: 53:00

Local: Transmissão ao vivo através do canal do YouTube 'Geopolítica', do Grupo GeoPT.

Transcrição por Eric Fellipe Lima.

Natacha Rena (GeoDebate):

Queria agradecer a presença do Elias Jabbour, daqui a pouquinho eu vou falar um pouco mais sobre ele, que é o nosso convidado. Eu e o professor Marcelo Maia estamos organizando uma série de atividades envolvendo o debate sobre a China. As atividades que a gente vem desenvolvendo partem de um grupo de pesquisa que nós criamos esse ano que se chama "Geopolítica e Planejamento Territorial" e essa atividade de fazermos debates se inaugura hoje. Estamos transmitindo

Foto: Flyer de divulgação da live.
Fonte: Grupo de Pesquisa GEOPT

1: Disponível em <https://youtu.be/SYjOYP52RR8>. Acesso dia 15 de dezembro de 2021.



2: Disponível em https://youtu.be/IEbh_Jxvhgw. Acesso dia 15 de dezembro de 2021.



no YouTube, a gente tem um canal no YouTube que se chama Geopolítica e nesse canal a gente tem, também, disponível para quem tá aí assistindo e quer se aprofundar sobre tema, dois webinários com diversas lives que a gente realizou em formato de disciplina de pós-graduação.

O primeiro webinário contou com a presença do professor Elias Jabbour, o nosso convidado de hoje, e foi junto do professor José Luís Fiori, do professor Fábio Tozi, da UFMG, do jornalista Pepe Escobar do Asian Times, do Tiago Schultz da Universidade Federal da Bahia, do Pasqualino Magnavita da UFBA também, da professora Mônica Bruckmann da UFF, do professor Gilberto Libânio da UFMG que tá aqui na sala com a gente hoje (...). Este webinário foi finalizado com uma fala impressionante da presidenta Dilma Rousseff com duração de duas horas sobre tecnologia revolucionária que nos inspirou muito a dar continuidade ao webinário.

O segundo webinário terminou essa semana e ele contou também com a presença do professor Elias Jabbour da UERJ e do professor Javier Vadell da PUC de Minas Gerais, do professor Leandro Diniz da Letras da UFMG que é o coordenador brasileiro do Instituto Confúcio UFMG, do Tiago Schultz arquiteto da UFBA novamente, do professor Márcio Pochmann da Unicamp, do professor Uallace Moreira da UFBA, da pesquisadora Maria Rosa Azevedo do Pagode Chinês, que é um super programa no Spotify, que vale a pena ouvir. E a gente teve o encerramento com o ministro Conselheiro da Embaixada da República Popular da China Que Yuhui[2].

Bom, o professor Elias Jabbour é militante, ativista, companheiro, camarada e amigo. Ele possui graduação, mestrado e doutorado em Geografia pela USP e é professor adjunto da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, da UERJ; e do programa de pós-graduação em Ciências Econômicas, na UERJ; e do programa de pós-graduação em Relações Internacionais, também da UERJ. É uma coisa importante de dizer, para quem não conhece o Elias e ainda não acompanha as suas infinitas Lives, que eu não sei como uma pessoa tem tanto fôlego para participar de tanta Live, muita energia e muita militância, mas tem um programa que eu

recomendo também a todos e todas que é o Conexão Xangai. Ele participa todos os domingos junto com os economistas Paulo Gala, André Roncaglia e o Alisson Moreira, então estou dando essas dicas aqui para gente contextualizar o Elias. E o motivo principal desta Live com Elias, que é nossa principal referência teórica nos apresentando um novo campo de investigação não só com tema da China, mas com tema da economia do projetamento, é que ele vai lançar, em Belo Horizonte, dia dezoito de dezembro, no sábado às 11 horas, o seu mais novo livro “China: o Socialismo do Século XXI” na livraria Quixote, na Savassi.

Bom, sobre esse novo livro, eu gostaria de fazer uma pequena introdução lendo o trecho das pessoas que fizeram as aberturas do livro. Um trecho do Renato Rabelo com uma pequena introdução minha: Diferente do que o Marxismo acadêmico vem anunciando como utopia, este livro apresenta um novo mundo imanente, real e não um mundo possível, idealista e perfeito. Sigo para fala do Renato Rabelo:

Neste livro há uma tentativa de construir uma visão inovadora da evolução global do capitalismo e do socialismo. Seus autores, os professores Elias Jabbour e Alberto Gabrielle, procuram analisar a realidade econômica a partir da estrutura interpretativa da teoria econômica clássica moderna e propõem uma reinterpretação parcial dos conceitos de modo de produção, da formação econômico-social e da lei do valor. Nesse esforço constata-se que o sistema econômico Global permite a existência tanto dos projetos nacionais quanto de formações econômico-sociais não-capitalistas. Assim sendo, o socialismo enquanto esperança e perspectiva, não somente não desapareceu com o fim da União Soviética, mas mantém-se como possibilidade ainda que imatura sobre a forma de uma nova classe de Formação econômicas sociais surgida no final da década de 70, o socialismo de mercado. Logo, o socialismo de nosso tempo tem na República Popular da China sua expressão máxima de desenvolvimento. O livro analisa a gênese e evolução do chamado macro setor produtivo do país apontando uma chamada nova economia do projetamento como estágio recente e superior do socialismo de mercado.

(JABBOUR, 2021, P.11)

Com essas palavras, a gente pode chamar o Elias para esta conversa sobre o livro, e eu gostaria muito que ele iniciasse falando um pouco da sua formação e das suas escolhas políticas, ideológicas, partidárias, acadêmicas e geopolíticas.

Bem-vindo, Elias, e obrigada.

Elias Jabbour: Que bom Natacha, que você me apresentou como geógrafo, porque muita gente acha que eu sou economista. Não, sou geógrafo formado pela USP e com mestrado e doutorado em geografia humana. Então, eu não tenho uma formação na economia clássica, digamos assim com mestrado, doutorado e graduação. Apesar de ser professor de Economia, de Planejamento Econômico, de Economia Política e de Teorias do Desenvolvimento Comparado.

A minha trajetória intelectual tem dois vieses que eu acho que são interessantes de ressaltar aqui. Formalmente sou geógrafo, mas desde que eu entrei na faculdade duas grandes questões me perturbavam. Entrei na faculdade na USP com 17 anos de idade, e a primeira delas é porque já era um militante da UJS do PCdoB com gente na universidade e já entrei com uma escolha política que até hoje eu mantenho igual e a mantereí até o final delas, certamente.

É a seguinte: o socialismo é um projeto plausível, ele é possível. Ou seja, acabou e acabou mesmo. É o capitalismo que fica até o fim da história mesmo, então, a questão, o meu grande objeto de estudo, Natacha, nem é a China não, é o Socialismo, ou seja, a minha grande questão é a seguinte: qual que é a base científica que eu posso encontrar para demonstrar para as pessoas e, primeiro a mim mesmo, depois às pessoas, que o socialismo é cientificamente algo plausível, apesar do final da União Soviética? Evidentemente, eu vou cair na experiência chinesa, assim mesmo, por conta do meu orientador que falou “Olha, todo mundo fala que é capitalismo aqui desde a década de 1990, pessoal, eu comecei estudo sobre a China quando não era moda quando todo mundo jogava contra aquela experiência.”

Ou seja, o meu primeiro artigo sobre a China é de 1996, que foi um artigo publicado nos anais do 1º Encontro de Iniciação Científica em Geografia da USP. Então tem uma produção que já dura 25 anos. Não entrei nessa onda depois que já virou moda, né? Então, a experiência chinesa acabou se transformando na minha unidade de análise, desde o meu TCC até o doutorado só falei da China. Pois bem, eu acho que ia ser o primeiro ponto, socialismo; a segunda questão que eu trago na minha trajetória e que se explica porque que eu me transferi, acabei me tornando professor de economia, foi a questão seguinte, ou seja, aquela coisa bem de adolescente sabe, né? Como que é e qual que é o DNA da sociedade? Ou seja, qual é o código genético de uma sociedade? A ciência consegue decodificar o ser humano decodificando os seres vivos ou seres vivos em geral e a natureza. E a sociedade? Como que a gente decodifica ela? Evidentemente, eu caí no processo de produção de mercadorias, que é o processo onde você, ao analisar o processo de produção de mercadorias, ali está o DNA da sociedade. Então eu tive que, paralelo ao meu curso de geografia, eu fiz paralelo o Curso de Economia como autodidata. Ou seja, eu passei a ler com 18 anos, todos os clássicos da economia, Marx, e principalmente Lênin, muita obra econômica do Lênin, o estruturalismo latino americano, as teorias do Estado Desenvolvimentista. Ou seja, desde muito jovem eu passei a ter contato com este corpo teórico que, vamos dizer, esse corpo heterodoxo da economia. Mas com foco, evidentemente muito forte, em Marx e Lênin, nas obras econômicas de Lênin que são muito pouco conhecidas, né? E também, por uma circunstância inusitada, o economista Ignácio Rangel, que, para mim, foi O pensador marxista brasileiro, O Pensador brasileiro mais completo do século 20. Existem várias controvérsias sobre isso, só eu acho isso, mas até aí é vida que segue.

A meta de todo repertório intelectual é essa, a de buscar comunicação para essas minhas inquietações. Então, quando escrevo os meus livros sobre a China, para terminar essa resposta, os meus livros, os meus meus artigos, eles servem para mim, por exemplo, não como uma lógica produtivista, como a Academia nos impõe. Eu começo a fazer um artigo sobre a China, ou a reflexão que eu coloco no Twitter, ou um artigo

científico mesmo, para mim é um divã que eu faço. Pra mim é um divã porque eu estou colocando no papel respostas a questões que eu faço desde a minha adolescência, entendeu? Então fazer ciência para mim hoje, fazer ciência social, nada mais é do que responder aos meus dramas existenciais da adolescência e juventude. No final da minha adolescência começa a juventude, então até hoje eu estou tentando responder a esses dramas e o resultado é uma ciência social particular, que eu tenho tentado produzir nele. Que esse livro é, sem nenhuma uma ponta de arrogância, ele acaba consagrando isso, você pode perceber na leitura dele. É um livro que chega, no meu ponto de vista, para demarcar um ponto de pensamento no Brasil sobre a China, para demarcar um campo de pensamento dentro do marxismo sobre a China, e que pelas repercussões de apenas dez dias de lançamento, ou seja, já esgotou a primeira leva de três mil livros né? Já vai dar a ideia do impacto que esse pode vir a ter um debate de ideias. Enfim, mais adiante eu vou responder a mais questões deixando mais claro aqui as ideias.

Natacha Rena (GeoDebate):

Então, Elias, como eu e o Marcelo, que estamos aqui te entrevistando e conversando com você, somos do campo da Arquitetura e do Urbanismo, uma questão muito importante e que, normalmente, a gente não discute no campo do planejamento e do projeto em arquitetura sobre as possibilidades de uma nova economia que possa se basear no desenvolvimento com distribuição de renda, com justiça social, num desenvolvimento que venha junto com amplos projetos de melhoria de condições de vida, de bem-estar, do bem viver, do que chamam de “produção do comum” na sociedade, com comida para todos, casa para todos, trabalho para todos, pleno emprego. E aí a gente assiste, no campo teórico, mas também nas disputas políticas, uma polarização entre projetos desenvolvimentistas e projetos anti-desenvolvimentistas. O ocidente, o Norte Global, suas ONGs e Fundações, suas agências de globalização, vêm incentivando, com muita força, projetos anti-desenvolvimentistas, dizendo que esse é um projeto anticapitalista. Então eu gostaria muito que você falasse sobre isso, e eu vou dar alguns exemplos de

situações estranhas: por exemplo a discussão do Capitalismo Inclusivo que o Papa Francisco lança junto com toda elite rentista global solicitando que os capitalistas tornem essa sociedade mais justa com seus projetos.

Outra questão também ligada ao Papa Francisco é a Economia de Francisco que, muitas vezes, nos parece que está completamente conectada ao fato da crise climática, do aquecimento global e me parece, eu posso estar errada, que existe aí uma solicitação para uma sociedade que glamouriza a pobreza, do tipo: Vamos viver felizes e pobres! Não precisamos desenvolver senão o planeta vai acabar! Então essa é uma segunda questão contraditória já que o Papa Francisco é claramente um progressista ligado às redes internacionais progressistas. E por falar nessa palavra “progressista”, a gente vê aí também, uma outra articulação do Partido Democrata americano, da ala mais à esquerda do Bernie Sanders, lançando uma nova Internacional. Só que é uma nova Internacional que não é internacional comunista/socialista, é uma Internacional Progressista. E aí a gente vai ter Bernie Sanders na frente, no Brasil a gente tem vários políticos, inclusive o Haddad, o Tarso Genro encabeçando essa International Progressista. E a quarta manifestação muito estranha, é esse Grupo de Puebla, que é um grupo de esquerda que apoia os nossos governantes de esquerda, da social-democracia latinoamericana, que é liberado pelo Zapatero, que todo mundo sabe o que fez parte do Clube de Bilderberg.

Então eu queria que você me falasse sobre isso: o quê que está acontecendo na esquerda mundial e nacional?

Elias Jabbour: Natacha, eu vou fazer alguns raciocínios aqui que você vai entender muito bem, porque você é uma das pessoas mais velozes mentalmente que eu conheço, veja isso como um elogio, tá?! Com relação ao desenvolvimento e ao anti-desenvolvimento, por mais que eu tenha o nome de Elias Marcos Khalil Jabbour e tal, sou de São Paulo, fiz USP, doutorado e mestrado. As minhas origens são nada abastadas, ou seja, eu tenho toda uma história particular aqui, que não é coitadismo não, é só para tem uma tendência quase que natural de observar

os fenômenos a partir de uma visão popular dos problemas. Então quando eu chego a condição de um homem de Estado, ou seja, como professor universitário, eu me vejo como um homem de estado, eu tenho a obrigação de entregar soluções para os problemas nacionais brasileiros.

Então vou pegar aqui uma questão bem basiquinha que você vai entender assim, vai sacar na hora. Tem dois desafios aí que a gente tem que enfrentar: primeiro levar comida barata à mesa do povo, porque as pessoas estão passando fome; e levar energia elétrica a preços módicos para as massas populares. Qual é a solução para isso? A solução para isso é a escala de produção, pessoal. Ou seja, ser desenvolvimentista nesse aspecto é ir ao encontro do que há de mais, vou dizer assim, profundo nas raízes do povo. O que eu quero é o seguinte, pessoal. Primeiro, que o mundo não vai acabar, ou seja, o limite do capital é o próprio capital, já dizia o nosso amigo Marx, não é?! E outra coisa, eu só quero que as pessoas tenham acesso ao mesmo nível de consumo que você. Então eu acho que tem essa questão de que nós temos pessoas de Estado e temos que entregar soluções para os dramas humanos. E os dramas humanos demandam escala na produção de alimentos, escala na produção de energia, escala, vamos dizer assim, no âmbito da grande técnica. Então, ou seja, nada disso acontece numa ciranda, infelizmente. Isso demanda a existência de indústria, do capital financeiro, da criação de moeda, de engenharias financeiras infinitas. Não é uma brincadeira isso daí.

Do ponto de vista filosófico, Natacha, o que eu acho é o seguinte, isso na minha resposta anterior, tá? Aliás, do ponto de vista político e estratégico. Eu acredito que o final da União Soviética e a derrota dos Projetos Nacionais de Desenvolvimento, no Brasil e no México, foram derrotas estratégicas que levaram boa parte da esquerda a perder completamente o rumo. E ao perder o rumo, o Imperialismo, ele chega muito claramente falando “Olha, vocês não vão perder o rumo, eu vou entregar para vocês bandeiras para vocês terem uma razão de viver”. E aí entram todas essas noções que você está falando aí. Ou seja, tudo isso na minha cabeça é Teoria da Conspiração porque os asiáticos já viajaram para os Estados Unidos: economistas, enviaram químicos, engenheiros, enviaram físicos. E o que

América Latina mandou para os Estados Unidos e para Europa, né? Geógrafo, historiador, filósofo, para chegar no Brasil e falar o que? Em defesa das instituições, da democracia, dos direitos humanos e das liberdades individuais. Tudo menos Projetos Nacionais de Desenvolvimento, não é? Eu acho que essas noções desenvolvimentistas tem muita relação com a política de assalto cultural do Imperialismo em relação às nossas subjetividades. Não tem outra resposta, não consigo responder de forma diferente. Ou seja, nós temos que ter coragem de falar, Natacha e professor Marcelo, que quem é contra o desenvolvimento das forças produtivas é contra os interesses gerais da sociedade. E nós temos que falar isso abertamente, abertamente, porque os interesses gerais da sociedade demandam desemprego, pleno emprego, ou seja, 4% de desemprego. Demanda que as pessoas tenham três a quatro refeições por dia, demanda que as pessoas tenham acesso à energia elétrica, internet, e isso tudo tem um custo. Inclusive ambiental, inclusive uma pessoa pode comer sua pizza no forno a lenha porque é muito gostoso. A gente tem que sair da defensiva em relação a esse tipo de coisa. Eu não fico na defensiva em relação a isso de jeito nenhum.

Em relação ao ponto de vista filosófico, o que é o Socialismo, né? Ou seja, uma coisa interessante é que o Lênin dizia, isso há 100 anos atrás viu? Que 90% dos marxistas não leram Hegel e por isso não entenderam o livro “O capital”. E hoje eu digo que 90% dos marxistas não leram Marx, então eu vejo por exemplo uma pessoa que fala que é marxista e fala em utopia logo em seguida, sendo que Marx derrotou o socialismo utópico há 150 anos atrás, quando ele publicou “A ideologia alemã”.

O cara produz uma obra que até hoje ainda está a ser estimado, e sem volumes completos ele, Andrews, demonstrando que sim, que precisamos da sociedade, ou seja, resumindo a sociedade e o processo de produção e a produção material da sociedade, a partir das relações dos homens com os seres humanos consigo mesmo, dos seres humanos com a natureza. Isto é Ciência! E essas contradições, elas vão levando, necessariamente, vamos dizer assim, a tensões, cujos pontos são exatamente as revoluções sociais, ou seja, não tem nada de utopia no marxismo, pessoal. Não tem nada de bonito falar em utopia,

desculpa eu ser honesto assim sabe?! Não tem nada de bonito nisso, o socialismo é uma ciência.

E você não vai construir uma sociedade de nível superior, partindo da destruição do que tá aí, ou seja, as pessoas que são anticapitalistas, sendo que para o Marx o socialismo é a superação do capitalismo, não só destruição. Quem é anticapitalista é a Al Qaeda, o Estado Islâmico, que quer destruir esse mundo e fazer outro em cima, o PSTU, sabe, que quer destruir esse mundo e fazer outro em cima. Nós não, nós queremos superar isso daí. Isso significa, Natacha, uma coisa que eu mal pude perceber o seguinte: olha, o socialismo é a apreensão do ponto mais alto daquilo que eu nego. E qual é o ponto mais alto daquilo que eu nego? São as forças produtivas que o capitalismo desenvolve. Ou seja, é entregar para a classe trabalhadora abundância material construída pelo capitalismo. Esta é a nossa tarefa histórica, e não entrega para a classe trabalhadora a miséria que o capitalismo produz. Porque para defender a miséria e defender a pobreza digna, vamos defender o capitalismo. O próprio capitalismo pode entregar isso daí para as pessoas. Então eu acho que, eu nem sei o que responder esse tipo de coisa, a gente se prepara para um nível de debate, que quando se depara com esse tipo de negócio de utopia, eu não sei... Para terminar, tem aquela frase do Marx “novas relações de produção não surgirão antes que as velhas forças produtivas desapareçam”, ou seja, não tem como você construir uma sociedade socialista com uma base feudal, uma base base técnica e resistente. O socialismo é a apreensão da mais alta base técnica. A pobreza não é pressuposto do socialismo, muito pelo contrário, o socialismo é o processo que é resultado da marcha da sociedade para a abundância e não para escassez, essa que é a questão, né?!

3: Live “China: o socialismo do século 21” com Elias Jabbour, Dilma Rousseff e Silvio Almeida no canal da editora Boitempo: <https://www.youtube.com/watch?v=eJpqTO-PaY0>. Acesso em 15 de dezembro de 2021.

Natacha Rena (GeoDebate): O ponto alto da sua Live com a presidenta Dilma[3], inclusive, foi esse. Eu acho que a imprensa não mostrou, é quando ela vai dizer que a tecnologia, que a técnica que envolve a ciência, a pesquisa e a inovação, é fundamental para a gente dar esse salto. E aí a gente vê também, esses mesmos grupos de marxistas acadêmicos utópicos, atacando

as tecnologias, atacando a revolução 4.0, atacando os novos meios de produção! E é muito interessante, enquanto essas formas tecnológicas eram apenas conquistas do ocidente, do Vale dos Silícios, da NSA, ninguém atacava. Agora que a China, a Rússia e a Ásia como um todo, avançaram com 5G futuro 6G, aí virou sociedade de vigilância e aí nós vamos virar robôs, e aí vai ser o fim do homem na terra! É muito interessante isso, assim, você vai seguindo como que essas manifestações acadêmicas, marxistas e de esquerda, como elas não olham para a China para pensar nisso, né!?

Elias Jabbour: Permita aqui um ponto. Essa questão do Capital de Vigilância, onde eu fui confrontado com isso, eu falei: pessoal, vocês não estudam história, não? É evidente que a gente está criando um sistema de segurança interno que vai vigiar tudo o tempo inteiro. E isso é legítimo historicamente porque a China passa por uma ameaça existencial. Os Estados Unidos querem destruir a China, meu amigo, os americanos querem impor à China uma guerra colonial contra eles. E as pessoas não sabem, por exemplo, que a União Soviética cai e se descobre logo em seguida, mais de 200 espões da CIA dentro do Partido Comunista e mais de 30 agentes dentro do comitê central do Partido Comunista. O que acontece, as pessoas são presas dentro de uma concepção de liberdade que é pré Hegel, né? Elas não chegaram ao Marx. Que existe a liberdade real e a liberdade formal, quando para Hegel isso não existe, para Marx menos ainda.

E o Hegel dizia, uma coisa que é interessante num debate dele com Adam Smith sobre a questão do Haiti. Adam Smith diz o seguinte: “Está surgindo um regime totalitário no Haiti, resultante de uma revolta de escravos”. O Hegel diz o seguinte: “Vocês que são os autoritários” e dialeticamente, aí já são minhas palavras, talvez somente um regime autoritário para libertar um povo. Ou seja, somente o país com a capacidade de se auto proteger como a China, pode ser capaz de entregar a liberdade, no sentido mais amplo da palavra, para o seu povo. Ou seja, a vida é muito dura, o mundo não é um jogo de amigo

secreto que no final do ano os países trocam presentes entre si. O mundo é cruel meu amigo, é tiro, porrada e bomba.

Natacha Rena (GeoDebate): Elias, você falando isso, eu me lembrei também quando você compara esse sistema de vigilância do ocidente, que tá completamente nas mãos de grupos das FinTechs, das empresas de tecnologia privadas, que não são reguladas por ninguém, ninguém regula essas empresas. E você vai comparar isso com a China que é o Estado que controla, e aí você tem uma esquerda que critica a China e esconde o fato do ocidente e da vigilância da CIA, do jeito americano de nos controlar. Eu acho muito interessante, porque a mesma coisa acontece com o sistema financeiro. Eles criticam os problemas da financeirização, dos grandes projetos, do tipo o caso da construtora Evergrande na China, que tem um sistema de financeirização por trás, do Estado e de seus bancos financiando grandes obras e projetos de desenvolvimento, com os grandes projetos no Ocidente que são todos privados, e que não significam que através deles você vai ter mais justiça social, igualdade social, qualidade no trabalho. Eu fico pensando: não é possível usar a mesma temática do sistema financeiro, ou da sociedade de vigilância, comparando dois sistemas, dois modos de ser, o da China e o dos Estados Unidos, por exemplo. Não dá para comparar, porque um é Estado e o outro é puramente o capital, né? Então eu queria que você falasse sobre isso.

Elias Jabbour: Natacha, primeiro que não existe socialismo e nem capitalismo sem grandes empresas e grandes bancos. Vamos parar com essa ilusão de que o socialismo é o fim das empresas, muito pelo contrário, o socialismo, a grande propriedade pública dos meios de produção, altamente tecnificado, altamente desenvolvido, é o lucro do processo produtivo. Da mesma forma que uma grande engenharia financeira pública, ele é, vamos dizer assim, a base financeira desse sistema público, ou seja, o socialismo é isso basicamente. Ou o socialismo que está surgindo no horizonte, na China... mas eu vou te chocar com uma resposta agora.

Aqui no Brasil, por exemplo, uma das coisas geniais do Rangel, e que eu elaboro em cima disso é a seguinte: a 30/40 anos atrás, a esquerda achava que a solução para o Brasil seria uma reforma agrária, ou seja, as pessoas saírem da cidade e voltarem para o campo, né? Achavam que isso era resolver o problema social brasileiro. E o Rangel foi expulso do debate público porque, por entre outras coisas ter lido Lênin, percebeu o seguinte: que o atual estágio de desenvolvimento brasileiro demanda, o que vai libertar o povo brasileiro é o seguinte, é o dia que o Brasil alcançar uma taxa de investimento em relação ao PIB de 25%, hoje tá em 15%. E para alcançar isso, você precisa do quê? De um sistema financeiro poderoso para poder financiar grandes obras públicas. Porque aí você pode responder ao desafio de gerar 20 milhões de empregos urgentemente no Brasil. Meu compromisso é com o emprego e renda, o meu compromisso é com comida na mesa do povo, o povo indo a motel com a namorada, é o povo beijar na boca, é o povo ver o Corinthians, que é o meu o time, tirar onda. Mas para isso você precisa de renda.

Natacha Rena (GeoDebate): Mas é muito interessante, Elias, que outra coisa que preciso destacar é que existiu aí, durante muito tempo, principalmente nos governos Lula e Dilma, uma crítica ao BNDES, inclusive por parte da esquerda, uma crítica ao “Minha Casa Minha Vida”, aos projetos de financiamento via Caixa Econômica. E agora, esses grupos estão defendendo a volta do BID, do FMI, das políticas e programas do BID, do Banco Mundial, dos globalistas, né? Que são descendentes da família ONU, que é todinha baseada nas elites rentistas globais. Inclusive, novos programas de financiamento de regularização fundiária, com dinheiro do BID, do Lincoln Institute. Estou falando do campo da arquitetura, tá? Então é sempre uma cegueira para tudo que vem de expropriação, de espoliação, de acumulação das elites rentistas progressistas do Norte, não?! É muito impressionante.

Elias Jabbour: Não, porque para mim, o grande desafio brasileiro, aliás eu falei isso na Live com a Dilma. E depois da

Live ela falou que eu tenho que falar com o Lula. Eu falei isso para ela: olha, presidente, o Brasil precisa reconstruir todas as cadeias produtivas destruídas pela operação lava-jato, ou seja, reconstruir nossa engenharia mecânica pesada, que no departamento de Economia é novo, e reconstruir a nossa indústria, nossa engenharia pesada. E isso tem que ser feito via o Estado, ou seja, o Estado precisa recriar essas empresas.

Não somente isso, o Estado tem que entregar para as empresas todas as infra-estruturas urbanas estranguladas, que estão aí estranguladas. Existe uma crise urbana no Brasil, a crise de superpopulação rural virou crise de superpopulação urbana. Então, o Brasil precisa urgentemente de 300 ou 400 bilhões de reais, no mínimo para, por exemplo, expandir o metrô de São Paulo; expandir o metrô do Rio; levar metrô para todas capitais do Brasil, e para isso vai ter que ter muitas empresas e vai ter que ter um financeiro por trás disso criando moeda para essa finalidade. Ou seja, é isso! Entregar a possibilidade para as pessoas e não ficarem duas horas no ônibus para ir trabalhar. Ficar, no máximo, 40 minutos, meia hora. É só isso que a gente quer. Então, as pessoas que são contra o desenvolvimento, a visão desenvolvimentista da sociedade, elas têm que vir a público falar que são contra isso. Eu acho que elas têm que ser expostas a isso: “olha, sou contra as grandes obras porque eu sou contra que as pessoas cheguem e saiam de casa do trabalho e demorem o menor tempo possível para cuidar da família, para poder ficar com a família no final do dia.” Elas têm que vir a público, têm que desafiar as pessoas a falarem isso publicamente.

Natacha Rena (GeoDebate): E mais do que isso, têm que ir de bicicleta que não polui, só que mora a 200 km do centro da cidade. E aí vai vir de bicicleta? Então, é surreal o que a esquerda burguesa propõe como solução para a sociedade e para os projetos urbanos. Daí, Elias, eu acho que a gente vai circular muito esse vídeo no meio dos nossos arquitetos e dos nossos alunos, são muitos alunos que estão nos procurando. Então, uma coisa que eu queria te ouvir falar, porque eu acho das coisas mais lindas que você fala, das mais esperançosas, é sobre essa comparação entre planificação, planejamento e economia do projetamento. Porque você sempre fala isso de um

ponto de vista mais amplo, mas eu gostaria que você falasse na perspectiva da infraestrutura e na perspectiva da China, por exemplo, com um exemplo do seu arsenal de técnicos, startups e grupos de pesquisas, de investigação, em inovação, inventando esse mundo que é possível. Não é o mundo utópico, é inventando, testado e experimentando. Eu queria que você falasse um pouquinho sobre isso para nos dar um pouco de esperança.

Elias Jabbour: O que acontece, quando a minha inquietude mental, a crise de 2008 pegou. O Gilberto Libâneo está conosco aqui, ele sabe que eu estou falando muito bem. Na crise de 2008, a China reage. Eu vou pedir para me estender nessa resposta porque eu acho ela é importante, tá, Natacha?

Na crise de 2008, a China reage com pacote fiscal de 600 e poucos bilhões de dólares, até aí nenhuma novidade. Pacote fiscal qualquer país que tem moeda soberana pode fazer, ponto. Mas o que me impressionou foi ver a execução imediata de milhares de projetos né, mil projeto, dois mil projetos, cinco mil projetos, isso falando de milhares de projetos de forma simultânea por 96 grandes conglomerados empresariais estatais, ou seja, empregos em conglomerados como o princípio ativo da Petrobras. Imagina 96 Petrobras no Brasil ou 30, né? Sendo que, tendo como base financeira 30 bancos de desenvolvimento a nível nacional, provincial e municipal criando moeda para esses projetos. Aquilo me chamou atenção para o seguinte: olha, existe um conceito que está se manifestando no movimento real que nós não captamos, ou seja, ali eu promovo um rompimento meu com as teorias heterodoxas do desenvolvimento. Elas nos entregam, vamos dizer assim, realidades específicas, as teorias são respostas históricas a processos históricos específicos, o keynesianismo, as teorias Estado desenvolvimentistas, estruturalismo.

Então são teorias que elas entregam um universal no particular de um tempo histórico. Só que o tempo vai passando e elas vão entregando o contrário, cada vez mais o particular no universal. Ou seja, tanto é que todas essas teorias de hoje são ocupadas em entender o quê? As relações entre Estado e as instituições de

mercado no processo de desenvolvimento. Eles não conseguem sair disso. E então a proposta é de um desafio de rompimento, falo que rompimento não é jogar fora tudo que foi produzido não, muito pelo contrário, mas é um rompimento no sentido de achar, de perceber que a China demanda outro marco conceitual e categorial para entender aquilo né. E eu acabo encontrando uma pista no livro do Rangel, em que ele está falando do projeto “Sputnik” e falando da reconstrução européia como exemplos, de sociedades guiadas por grandes projetos e sociedades que as suas maneiras, capitalistas e socialistas, os seres humano, eles passaram a capacidade de planejar e projetar o seu futuro. Então o caso do projeto “Sputnik”, que é o caso mais interessante que o Rangel estuda, que entrega nesse livro. Daí eu falei: pronto! Tá aí a chave de interpretação para o que eu quero entender sobre a China.

Então eu percebo o seguinte, a China em 2006 começa políticas industriais voltadas à formação do “Sistema Nacional de Inovação Tecnológica”. A partir de 2006, porque aquele crescimento econômico, o Gilberto entende mais disso do que eu, aquele crescimento econômico pautado pelo mercado tecnológico entre China, Estados Unidos e Japão se esgotou. Então a China fez uma escolha estratégica, deu o pulo do gato, e olha, vamos a partir de agora criar o nosso próprio Sistema Nacional de Inovação Tecnológica. Pessoal, Sistema Nacional de Inovação Tecnológica não é bolsa da CAPES não. O Sistema Nacional de Inovação Tecnológica é: banco, empresa, é mercado de capitais, porque é onde as empresas vão se financiar. E sem essa tecnologia e capital constante, só se expande a partir de investimento produtivo, ou seja, crédito bancário. Não é bolsa do CNPq que resolve o problema da ciência tá? Resolve muito, mas não é o principal. Defendo que tenha a quintuplicação de bolsas. Entenda o que eu estou dizendo, porque a questão fundamental é essa, são os bancos e as empresas. Então a China passou a inaugurar a partir daquele momento, essas chamadas tecnologias disruptivas tipo o 5G, o Big Data, a inteligência artificial e, recentemente, o computador quântico. E ali eu percebi o que o Estado chinês se apropriou de todas essas tecnologias, e a partir disso ele alavancou a sua capacidade de planejar sua economia. E ao elevar essa capacidade, ele também

eleva a capacidade de domínio humano sobre a natureza, isso significa que existe um novo modo de produção surgindo na China, uma nova variação. Ou seja, essa capacidade doida dos caras coordenarem a execução e a elaboração de milhares de projetos, as teorias convencionais não explicam isso. Então como que eu fui achar a explicação para isso daí?

Primeiro é perceber o seguinte: somente na economia baseada na grande propriedade pública e em um poder comandado por um partido comunista, não por meia dúzia de bilionários, é capaz de coordenar a execução de milhares de projetos simultaneamente. Ou seja, num país capitalista é impossível fazer isso. Uma coisa é um país que é baseado na propriedade privada e nos meios de produção, com meia dúzia de bilionários. Outra coisa é a seguinte: foi a descoberta que, aí eu fui atrás de gráficos, construir gráfico, tabela, balanços de empresa, essa coisa toda que esses autistas gostam de fazer nas madrugadas... E descobri que o chinês diminuiu sobremaneira em certeza keynesiana, porque na China a empresa privada não é o investidor em primeira instância, é o setor público da economia. Então, o setor privado chinês é auxiliar ao Estado. E ele depende cada vez mais do Estado porque é do Estado que saem os efeitos de encadeamento para o restante da economia, ou seja, é o Estado que promove os círculos e a acumulação de economia, e não o setor privado. Ou seja, é por isso que a China, também, deve ser classificada como país de orientação socialista.

E a outra coisa que eu acho que é o de mais revolucionário é que o Rangel disse o seguinte, ou seja, o Rangel nesse livro queria mostrar para os engenheiros e economistas que olha, existe uma sociedade do futuro a ser construída e vocês têm um papel sobre ela, e o papel de vocês enquanto economistas de projetos e engenheiro de projetos são dois, vamos dizer assim. Garantir que a sociedade absorva todos os meios da técnica possível, ou seja, que ela absorva e ganhe com a absorção e criação da grande técnica moderna; mas vocês vão ter o papel chato de restringir o desemprego a uma circunstância estrita ao capitalismo, e não ao socialismo.

Na China tem dois milhões de pessoas, Natacha, que fazem isso, elas estão empenhadas em entregar para a China a vanguarda da Ciência e da Tecnologia moderna, ao mesmo tempo que elas são obrigadas a dar um jeito de, com a cabeça delas, entregarem 13 milhões de empregos urbanos por ano, ou seja, em dez anos a China criou 130 milhões de empregos urbanos por ano. É daí que nós colocamos que o projetamento e o planejamento, Rangel separava as duas coisas, para mim o projetamento é um grau de planejamento superior da sociedade, ou seja, é a máxima racionalização do processo de produção, tomada de decisões governamentais. Ou seja, é a máxima utilização, é a razão sendo utilizada na sua forma mais humanista, mais estratégica, um homem, um ser humano como o senhor do seu destino. O projetamento é isso, é uma etapa superior de planejamento econômico, ou seja, é o que eu chamo para terminar, por que a nova economia do projetamento é a fase mais avançada do socialismo chinês? Porque o socialismo enquanto projeto de sociedade, ele é uma criança ainda, e a criança vai mudando de rosto ao longo do tempo. Então qual é a forma histórica que eu vejo hoje na China, enquanto uma estratégia socialista?

Para terminar minha fala aqui, é a transformação da razão em instrumento de governo, ou seja, esses dois milhões de dinheiro de projeto economista, sendo guiados por um partido comunista, estão construindo uma sociedade de nível superior, uma engenharia social nova que eu dou o nome científico de “Nova Economia de Projetamento”, é o nome fantasia para Socialismo de Mercado ou qualquer outra coisa do tipo. Ou seja, o projetamento seria um grau, é um plus, vamos dizer assim, na capacidade humana de dominar a natureza, falando em termos filosóficos. Então o que é o progresso humano senão a elevação das suas produtividades de um lado e a elevação do domínio humano sobre a natureza, ou seja, são as duas condições primordiais para a libertação humana. Então, as pessoas que são contra o desenvolvimento, elas têm que falar abertamente que elas são contra a libertação humana, inclusive. Porque somente quando as pessoas dominarem a técnica, e elas usarem a técnica de forma consciente, é que elas vão poder se libertar do feitiço que ela tem sobre elas mesmas. Por que você só fetichiza aquilo que você não controla.

Vamos voltar ao Marx, no fetiche da mercadoria, entende? Então o projetamento é a superação do fetiche da mercadoria, olhando lá na frente. Enfim, eu estou emocionado Natácha, tudo que me diz razão a ciência, ser humano e, modéstia parte é uma descoberta científica que nós fizemos, ou seja, tanto eu quanto o Alberto, classificamos isso, ou seja, o surgimento desse novo modo de produção na China. Nós classificamos como a descoberta científica nossa, é para emocionar porque é mostrar que o mundo tem jeito né pessoal!? O mundo possível está sendo construído na China, cheio de contradições, cheio de problemas, cheio de desigualdades, mas eles estão dando conta dos seus problemas.

Enfim, obrigado, eu estou muito emocionado, desculpa.

Natácha Rena (GeoDebate): Muito obrigada Elias, porque você, eu brinco sempre, você é o nosso oráculo e é muito bom, porque tem uma outra coisa, tem um movimento seu que é o movimento de pensar, você faz as postagens de algumas ideias que você tem, é uma dinâmica com as redes sociais que é muito bonita, é muito generosa. Você não fica guardando a informação para depois lançar um livro, artigo, e aí você “lacrar” com aquilo ali não. Todos os dias, todos os dias da sua vida, você tem uma missão de lançar um pensamento, de discutir, de debater, interagir numa relação dialógica. E aí você completa isso e publica um pequeno artigo depois, você acumula vira livro, vira artigo científico, então também tem uma dinâmica do pensamento, Elias, que é uma dinâmica de uma pessoa muito generosa. Você é um exemplo de um comunista que não guarda para si as coisas, mas quando elas precisam ser coletivizadas para o bem de muita gente, você faz isso. Então isso também é um ponto fora da curva na academia, para além de você, das pessoas que estão estudando a China, sendo cerceados, nos veículos acadêmicos e nos veículos hegemônicos de pensamento e de mídia, também tem isso, esse processo de furar a bolha, porque é uma coisa espontânea, cotidiana, natural e todo mundo percebe a sua generosidade. Você é uma pessoa amorosa, afetiva, é um combatente, mas um combatente com ideias, já te vi dialogar com várias pessoas que pensam diferente de você, de uma forma muito tranquila.

Como você mesmo diz: muito racional, dentro das premissas da racionalidade, e eu queria muito te agradecer pelo apoio, por nos iluminar nos últimos tempos.

Querida dizer, tem pouca gente nos assistindo pelo YouTube, mas depois desse vídeo vai circular bastante, eu tenho certeza. E queria convidar todo mundo para ir conhecer o Elias pessoalmente na Quixote, no dia 18 de dezembro às 11 horas da manhã. E aí a gente passar o dia conversando com ele pessoalmente. Então Elias, muito muito obrigada. Obrigada Marcelo, meu companheiro de pesquisa, Gilberto Libânio, Anderson, nosso bolsista que tá auxiliando aqui, e dizer que nós temos aí uma tarefa pela frente de crescer essas redes de investigação. Muito, muito obrigada e até dia 18.

Elias Jabbour: Eu que agradeço!

Gilberto Libânio: Só despedir e agradecer aí pelo convite para participar hoje, e a gente se vê aqui quando Elias vier. Meu livro já tá aqui na cabeceira, ainda não comecei a ler, mas já tá guardado esperando um autógrafo dia 18.

Elias Jabbour: O Gilberto, cara, sem conhecer eu já era com a cara dele, sabe? Uma coisa impressionante, rolou uma química, vamos dizer assim.

Gilberto Libânio: É recíproco.

Elias Jabbour: Rolou uma química, ele é um mineiro elevado a décima potência, ou seja, um cara super tranquilo, calmo, sereno, sabe? E é um tipo de cientista que faz muita falta no nosso meio, é um cara que é tranquilo, que é sereno, é o nosso oposto, viu, Natácha? Então o Gilberto ele é um contraponto, não da negação a nós, muito pelo contrário, ele é um complemento a

figuras como a gente. Ou seja, ele é um cara genial nas coisas que ele faz e nos entrega, também, essas grandes possibilidades de pensar junto, de brincar, enfim, muito obrigado por você existir, Gilberto. Valeu cara!

Gilberto Libânio: Obrigado Elias, é uma alegria para mim escutar as suas palavras. Vamos nos encontrar em breve.

Elias Jabbour: Valeu pessoal!

Natacha Rena: Muito obrigada, quer falar alguma coisa Marcelo?

Marcelo Maia: Obrigada Elias, só agradecer pela sua generosidade. Sua generosidade tem sido muito importante para a gente.

Elias Jabbour: Obrigado.

Natacha Rena: Obrigada, beijos e até dia 18.

Referência

JABBOUR, Elias. China: o socialismo do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2021.